

XIV Congresso Brasileiro de Sociologia
28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ)
Grupo de Trabalho: Ensino de Sociologia.

Título do trabalho:

Instalações: arte e sociologia como exercício de imaginação sociológica.

Autor:

Zuleika de Paula Bueno

Docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (DCS-UEM).

Doutora em Multimeios (UNICAMP) e mestre em Sociologia (UNICAMP).

E-mail: zubueno@hotmail.com

Resumo

A proposta desta comunicação é pensar a apropriação de formas estéticas, como as instalações artísticas, como objetos comunicacionais capazes de provocar a imaginação sociológica. Montado como um ambiente diferenciado no espaço escolar, a instalação tem por objetivo causar um impacto em seu público (professores, licenciandos e alunos) que contribua para a desnaturalização e o estranhamento deste espaço. Freqüentemente, as instalações combinam várias expressões artísticas (vídeos, sons, esculturas) compostas por diversos materiais organizados de forma a criar um ambiente onde os participantes são convidados a interagir, caminhar e experimentar sensações de choque, encantamento e reflexão sobre o cotidiano. Assim, a criação de “instalações sociológicas” nas escolas funcionaria como um dispositivo de imaginação e curiosidade.

Palavras-chave: instalações, ensino, sociologia, imaginação, curiosidade.

Introdução

Esta comunicação apresenta e discute o projeto desenvolvido no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (DCS-UEM) intitulado *Laboratório Itinerante de Ensino de Sociologia: instalação interativa* (LIES). O objetivo geral do projeto é pesquisar e elaborar formas plásticas, comunicativas e visuais que têm por objetivo criar um ambiente de estímulo e sensibilização para a imaginação científica, visando difundir o conhecimento sociológico. A proposta conta com o apoio financeiro do programa de extensão Universidade sem Fronteiras, da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI-PR) e integra o sub-programa de apoio às licenciaturas. Concebido no final de 2008 e iniciado em abril de 2009, o LIES envolve o trabalho de três professores orientadores, de um profissional recém formado e de cinco bolsistas da graduação.¹

¹ O projeto é coordenado pela professora Zuleika de Paula Bueno e conta com a participação dos professores orientadores Fábio Viana Ribeiro e Eduardo Fernando Montagnari, da pesquisadora Mariana Amália de Carvalho Castro e Silva, e dos graduandos Tiago Roberto Ramos, Rafael Ribeiro, Josimar Priori, Laís Rafaela Fuzeto e André de Oliveira do curso de Ciências Sociais da UEM.

Sem a pretensão de se constituir como uma obra de arte, o LIES tem caráter educativo e é concebido como um “dispositivo de curiosidade”, isto é, como um conjunto de objetos comunicacionais dotados de uma dimensão estética capaz de provocar uma experiência diferenciada de leitura dos textos sociológicos e, potencialmente, alterar as formas de se imaginar a vida social.

A proposta de construir uma instalação interativa originou-se das atividades desenvolvidas pelo Laboratório de Prática de Ensino em Ciências Sociais, projeto conduzido pela licenciatura do DCS-UEM.² O Laboratório tem por objetivo sistematizar conhecimentos e práticas capazes de responder aos desafios didáticos enfrentados pela recente (re)inserção da disciplina de sociologia no Ensino Médio.

Diante dos poucos registros de investigação sobre metodologias e experiências de ensino de sociologia, a constituição de laboratórios tem sido uma das estratégias que diversos cursos de licenciatura em Ciências Sociais vêm adotando como forma de conquistar um espaço legítimo de discussão das práticas pedagógicas das Ciências Sociais. no campo científico ³ As experiências dos laboratórios evidenciam a necessidade de explorar e inventar novas formas de ensino, associadas à pesquisa acadêmica e à divulgação científica da produção sociológica, envolvendo os profissionais das universidades, os licenciandos e os profissionais do Ensino Básico.

Do laboratório ao ateliê de ensino

Com um histórico de intermitência no currículo escolar e reflexões esporádicas no espaço universitário – característica que MORAES definiu como “uma tradição bissexta” no debate acadêmico das Ciências Sociais (2003) -, a reimplantação da sociologia como disciplina obrigatória no Ensino Médio⁴ foi conquista de mais de uma década de lutas de persistentes profissionais empenhados em garantir que

² O laboratório desenvolve atividades articuladas com o Estágio Supervisionado em Ciências Sociais.

³ Relatos sobre as atividades de laboratórios de ensino em ciências sociais foram apresentados no I Seminário Nacional de Educação em Ciências Sociais, realizado em abril de 2007 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) pelas professoras e pesquisadoras Luiza Helena Pereira (UFRGS), Nise Jinkings (UFSC), Ileizi Fiorelli Silva (UEL) e Ana Laudelina Ferreira Gomes (UFRN).

fosse cumprida a orientação, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei no. 9394 de 20 de dezembro de 1996), de que ao final do Ensino Médio o educando demonstrasse domínio de conhecimentos de sociologia. (CARVALHO, 2004; SILVA, 2004)

Para enfrentar essa tradição bissexta, e as lacunas que ela gerou nas práticas didáticas, a constituição de redes de pesquisa e discussão sobre o tema é uma estratégia essencial na consolidação de um conhecimento específico sobre o ensino de ciências sociais. Conforme observou SARANDY

“ (...) na maioria das vezes as experiências com o ensino não são registradas, não integram um sistema cumulativo de experiências históricas da comunidade de cientistas sociais e nem sempre estão amplamente disponíveis”(2004, p.115)

Embora não se possa considerar a formação dessas redes uma tarefa plenamente cumprida, a realização de Encontros e Congressos, a formação de Grupos de Trabalho⁵ e o lançamento de publicações especialmente dedicadas ao tema têm contribuído na articulação entre os campos científico e escolar, avançando e fortalecendo a questão do ensino entre os sociólogos. A definição de práticas de ensino significantes e socialmente relevantes é fundamental para garantir a qualidade e a especificidade dos conhecimentos das Ciências Sociais transformados em conteúdos escolares.

Conforme foi exposto acima, a constituição dessas redes têm assumido a forma de Laboratórios de Ensino, espaços firmados como um meio de “qualificar”

⁴ A legislação referente ao tema é a Resolução No. 4 de 16 de Agosto de 2006, que altera o artigo 10 da Resolução CNE/CEB No. 3/98, referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e determina a inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo escolar. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb04_06.pdf

⁵ Algumas das experiências registradas nesse sentido são: o XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em 2007 na cidade de Recife (PE), que contou com o GT Ensino de Sociologia; naquele mesmo ano, na cidade de São Paulo (SP), aconteceu o I Seminário Nacional sobre Ensino de Sociologia no Nível Médio; no ano seguinte, em Natal (RN), foi realizado o I Seminário Nacional de Educação em Ciências Sociais; em julho de 2009 está prevista a realização do I Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Essa mesma cidade promoveu em setembro de 2008 o I Encontro Estadual de Ensino de Sociologia. A Universidade de Londrina (UEL) promoveu em novembro de 2008 o I Simpósio Estadual sobre a Formação de Professores de Sociologia. Outras experiências de encontros nacionais, regionais e estaduais são registrados nos estados de Minas Gerais, Santa Catarina, Espírito Santo, além de outras localidades.

as licenciaturas em Ciências Sociais. PEREIRA destaca que essa qualificação do ensino “remete para a análise das orientações teóricas e metodológicas no ensino de sociologia e para a prática da pesquisa em sociologia na sala de aula” (2007, p. 151). Analisar metodologias, destaca esta autora, não significa desenvolver técnicas de lecionar, mas ter domínio sobre o “ofício do sociólogo” e sobre as concepções teórico-metodológicas no ato de ensinar (PEREIRA, 2007).

Nesse sentido, os laboratórios não se definem apenas como uma estrutura física, mas como projetos desenvolvidos de maneira articulada entre os profissionais universitários e do ensino básico, bem como os licenciandos e os alunos dos colégios⁶. Aliado aos laboratórios, os profissionais relatam atividades e experiências diversas, como a criação de portfólios educacionais (MEIRELLES & RAIZER & PEREIRA, 2007), a promoção de semanas de sociologia nos colégios da rede pública (LIMA & FERREIRA, 2007) ou a seleção de temas e métodos para aulas de sociologia (MAGALHÃES, 2007).

Tendo por referência o modelo de laboratório constituído na UEL – projeto mais antigo e consolidado na região -, a licenciatura em Ciências Sociais da UEM propôs em meados de 2007 a organização de um espaço próprio de encontro e produção de materiais para as práticas de sociologia no Ensino Médio. Estruturado inicialmente como projeto de ensino, o laboratório iniciou suas atividades em 2007 com a organização dos I Colóquios de Prática de Ensino em Sociologia e Filosofia no campus sede da UEM, evento que contou com a participação do professor Dr. Nelson Dácio Tomazi. No início de 2008, o ciclo de palestras de recepção aos calouros de Ciências Sociais teve como convidada a professora Dra. Ileizi Silva (UEL), que apresentou aos alunos dados e informações sobre o mercado de trabalho na área, focando sobretudo as atividades de licenciatura nos colégios e nas instituições de ensino superior. Nesse mesmo ano, o DCS-UEM procurou, por meio do laboratório, promover encontros regulares com professores da rede, organizou os II Colóquios, que aconteceram no auditório do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal e incentivou a prática de monitoria no projeto de Apoio à Escolaridade (Cursinho Pré-Vestibular) da UEM. Avaliando essas

⁶ Ver projeto do Laboratório de Ensino de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina in CARVALHO (2004), pp. 233-262.

primeiras iniciativas, o que se nota é sua característica localizada e até mesmo restrita aos licenciandos do curso, causando pouco impacto entre os egressos e os profissionais da rede básica de ensino. Contudo, tais experiências ofereceram para alguns dos estudantes e professores do curso novos rumos para as atividades da licenciatura, incentivando pesquisas específicas sobre o ensino e promovendo um debate mais constante sobre as “artes de fazer” sociologia no nível médio – atividades próprias do laboratório de ensino.

Dentre as atividades originadas nesses últimos anos, a produção de oficinas tem ocupado um papel de destaque entre os estudantes.⁷ Uma oficina, como definiu GUIMARÃES

“(...) é uma atividade de ensino realizada em conjunto, com a qual a totalidade da classe deve estar envolvida. É preciso um professor ou um grupo de alunos para coordenar os trabalhos, mas a execução propriamente dita deve abranger todos. (...). Ela é realizada pelo grupo e para o grupo” (2007, p. 89)

Nas oficinas elaboradas pelos licenciandos o que se notou foi a busca por maneiras mais dinâmicas de apropriação e leitura do texto sociológico, expressadas por jogos corporais, usos de imagens e sons, produção de cartazes e maquetes, enfim, recursos variados utilizados na discussão de um determinado tema, conceito ou teoria⁸. O grande desafio encontrado por todos (incluindo os professores orientadores do estágio) foi combinar formas lúdicas e conteúdos artísticos e culturais com o rigor e o raciocínio científico. Não apenas essa articulação é um desafio, mas também o repertório e os recursos utilizados nessa combinação.

Como já notaram MORAES, TOMAZI E GUIMARÃES, o repertório e os recursos na formação de professores são componentes tão relevantes quanto a sua formação específica:

⁷ Diversas oficinas foram desenvolvidas pelos acadêmicos das disciplinas de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino entre os anos de 2007 e 2008. Sobre outras experiências realizadas na prática de ensino ver YAMAUTI (2006).

“Noutras palavras, o que falta aos professores é um *repertório*, mas um repertório que ultrapasse o do aluno : conhecimentos de Artes, de História (...). Entendemos que o principal problema que afeta os professores é a falta de *recursos* para a ação, e não tanto a existência ou não de propostas curriculares – profundas ou superficiais – que os orientem. *Recursos* aqui entendidos na sua variedade: *formação específica* – atualização, domínio conceitual, pesquisa, acesso a publicações etc. referentes à disciplina e à educação em geral, sua história, legislação, debates etc. -; *tecnologias de ensino* - domínio das tecnologias de ensino, recursos áudio-visuais, *softwares* etc.-; *acesso aos bens culturais* – teatro, cinema, vídeo, literatura nacional e estrangeira, museus, centros culturais , viagens etc. -; recursos didáticos – xérox, livros didáticos, jornais e revistas, mimeógrafos, computadores, *softwares* educacionais, documentários etc.” (2005, p.359)

Portanto, das experiências com as oficinas surgiu a necessidade de pesquisa, conceituação e problematização desses objetos, materiais e formas utilizadas nas estratégias (ou táticas?) de ensino. O que se questiona nessa investigação é a maneira de organizá-los como “práticas inventivas” (CERTEAU, 2002).

Diante dessas experiências e dessa problemática, bem como das limitações, urgências e possibilidades de trabalho, o que se imaginava como um laboratório foi pouco a pouco assumindo a forma de um “ateliê”, organizando-se como uma estrutura menor e mais artesanal de trabalho, uma alternativa possível – e atraente – para a pesquisa sobre o ensino de ciências sociais.

Obviamente, não se trata de abandonar a proposta de laboratório, menos ainda de desconsiderá-la. Mas de experimentar, com um grupo inicialmente pequeno de “aprendizes” (dentre os quais os próprios orientadores do projeto) as possibilidades de criação de oficinas e objetos, concentrando os esforços de ação e pesquisa na investigação de repertórios, recursos, formas e textos.⁹

⁹ Ver o projeto de pesquisa coordenado pelo professor Eduardo Fernando Montagnari, intitulado O pensamento sociológico em textos literários, cujo resumo está disponível em <http://www.sgp.uem.br:8080/sgp/super/detalhesProjeto.html?id=6910>

O conceito de instalação

Deste modo, a investigação sobre as “artes de fazer” , levou a uma “teoria das práticas” (Certeau, 2002), buscando formas que pudessem sintetizar a busca por essa “idéia prática” que são as oficinas. Isso originou o projeto do LIES

Duas referências são fundamentais na compreensão da natureza desse projeto. A primeira delas são as práticas artísticas contemporâneas, mais especificamente, as instalações.

A instalação - forma de expressão artística, cujas manifestações iniciais datam das primeiras décadas do século XX com o trabalho dos surrealistas e do vanguardista Marcel Duchamp - se consolidou no campo das artes entre as décadas de 1960 e 1970 por meio da obra de artistas plásticos que passaram a questionar os suportes artísticos tradicionais, como a pintura e a escultura (BUENO, 1999, p.224). Entre alguns dos principais representantes desta expressão artística no Brasil estão Lígia Clark (1920-1988) e Hélio Oiticica (1937-1980) (ver figura 1), que despontam nos anos 60 com algumas das experimentações mais radicais nessa “passagem das formas rígidas para as flexíveis” nas artes plásticas. Conforme explica BUENO:

“A arte é o ponto de partida, mas a meta estabelecida é colocá-la em contato com a vida. Nesse movimento, o processo de criação artística passa a ser enfatizado em detrimento do produto acabado, da obra de arte. O ambiente e o espectador ganham um espaço privilegiado no trabalho desses artistas, que despontam mais empenhados em produzir novas relações espaciais, em instaurar lugares, do que em gerar novas formas.” (1999, p.225)

As instalações criam espaços de fruição estética nos quais os participantes são convidados a interagir, tocar, caminhar, não se posicionando como observadores distanciados, mas integrantes da obra de arte. Elas combinam freqüentemente várias expressões artísticas (vídeos, sons, esculturas) e são compostas por diversos materiais organizados de forma a criar um ambiente ou cena capaz de

interferir nos sentidos do público, provocando sensações de choque, estranhamento e reflexão sobre o cotidiano.



Figura 1. Hélio Oiticica. Penetrável PN1. 1960. Fonte: Projeto Hélio Oiticica
www.heliooiticica.com.br/obras/obras.php?pageNum_obras=0&totalRows_obras=3&idcategoria=2

Quando assume o sentido de intervenção – seja nas áreas urbanas ou dentro dos próprios museus - a instalação promove uma experiência estética baseada na “interrupção inesperada no fluxo do cotidiano”, o que imediata provoca uma sensação de estranhamento de um objeto que por muito tempo pareceu familiar (GUMBRECHT, 2006, p.55). A sensação de estranhamento funciona como um enquadramento, um certo limiar no fluxo da percepção que destaca uma determinada obra.

Uma vez vista e freqüentada a instalação, o estranhamento dá lugar a outra forma de experiência estética : aquela que consiste no processo gradual de emergência da consciência dos conceitos e da condição de formulação do pensamento conceitual (GUMBRECHT, 2006, p.57), o que conduz o sujeito a um terceiro momento de tal experiência, isto é , a mudança do quadro situacional primário (GUMBRECHT, 2006, p.59),.

A segunda referência incorporada no projeto do LIES são os museus de ciência contemporâneos. Conforme destacam TUCHERMAN E CAVALCANTI,

“Os centros e museus de ciência são as instituições que mais mudaram os seus métodos, seu papel na sociedade e sua atitude frente ao cidadão: do lema “proibido tocar” se tem passado para o lema “proibido não tocar”; do conceito de “vitrine” se evoluiu para a idéia de experimento (...) A proposta agora inclui a interatividade se sobrepondo à contemplação, a partir da metodologia da interação via “apertar botões” (*bottom-on*), ou experimentos pré-programados, com o objetivo claro de dissecar as máquinas e demonstrar seu funcionamento (...) Hoje, o museu Cosmocaixa de Barcelona é considerado marco desta nova museologia, onde mais do que um espaço cujo objetivo seja apenas o de “ensinar ciência”, seja fundamentalmente o de um espaço público onde se pode vivenciar, criar, intuir e conhecer simultaneamente”. (2008, pp.6-11)

Aliados a grupos acadêmicos e institucionais agrupados em torno de experiências para o ensino de ciências, tais museus se firmam como espaços comunicacionais, estéticos e lúdicos, ou, conforme definiram as autoras acima citadas, como “dispositivos de curiosidade” (TUCHERMAN & CAVALCANTI, 2008) .

Assumindo-se como tais dispositivos, os museus de ciência contemporâneos devem combinar rigor e imaginação, interatividade mental e manual ou, nas palavras de Jorge Wagensberg, físico e museólogo ligado ao CosmoCaixa Barcelona (ver figura 2)

“A museologia moderna deve ter alguns elementos emblemáticos que fiquem na memória coletiva do cidadão. O problema é fazer isso, sem perder o rigor científico. Uma das nossas hipóteses de trabalho é que a audiência de um museu é universal, não depende da idade, da formação cultural ou do nível econômico de seus visitantes, nem do lugar onde está situado. Um bom museu está baseado em emoções,

e as emoções são iguais para os jovens, para qualquer pessoa. O museu para os adultos também deve ser *hands-on* [toque], *minds-on* [reflexão] e *heart-on* [emoção].” (.WAGENSBERG, 2003)



Figura 2. CosmoCaixa Barcelona. La sala de la matèria.

Fonte: http://obrasocial.lacaixa.es/centros/cosmoCaixabcnsalamateria_es.html

Tanto nos museus de ciências quanto nas obras artísticas contemporâneas, o corpo é um componente fundamental da instalação. Não apenas os olhos, como nas exposições tradicionais, mas também as mãos, pernas e pés interagem com as obras nesses espaços recentes de fruição de ciência e arte. É possível dizer que instalações e museus pressupõem de seus frequentadores uma *performance*: a ativa participação do corpo na obra (ZUMTHOR, 2007)

Assim, embora orientados por propostas, práticas, conceitos e objetivos diferentes, instalações artísticas e museus de ciência convergem na busca por processos de interação movidos pela experiência estética. É o teórico alemão Hans Ulrich Gumbrecht quem oferece uma pista para se compreender essa forma de interação: “uma vez que ela se opõe ao fluxo da experiência cotidiana, os momentos da experiência estética se parecem com pequenas crises” (2006, p.51)

A forma instalação, portanto, promove essa “pequena crise” seja como obra artística ou como experimento em museus de ciência, transformando o ambiente familiar, rompendo com o ordinário e instaurando uma ruptura nas experiências cotidianas.

Essa concepção -e pode-se mesmo dizer, ambição – das instalações como objetos comunicacionais e estéticos tem sido trabalhada no “ateliê” de prática de ensino do DCS-UEM por meio do projeto de extensão já citado.

A proposta de montagem de um espaço destinado à fruição sensível do pensamento sociológico apropria-se dos princípios artísticos das instalações, bem como das contemporâneas experiências dos museus de ciência, adaptados para a socialização do conhecimento produzido pelas Ciências Sociais. Assim, o LIES é imaginado como uma instalação interativa e itinerante criada com a finalidade de provocar uma “experiência estética” cujo *conteúdo* e *objeto* é o pensamento sociológico. Em outras palavras, se propõe que a instalação desencadeie a curiosidade em relação ao texto e à realidade social.

Montado como um ambiente diferenciado no espaço escolar, uma espécie de “recorte” dentro desse espaço, a instalação ambiciona proporcionar em seu público (professores, licenciandos e alunos) um impacto que contribua para a desnaturalização e o estranhamento deste espaço – o que levaria a uma possível desnaturalização dos demais espaços em contato com este, como a cidade, a família, enfim, o espaço social. Tal impacto é entendido como componente fundamental para o desenvolvimento de uma curiosidade relativa aos fenômenos da vida social.

Por meio da instalação educativa o texto sociológico ganha uma dimensão “penetrável”, ou seja, o LIES é pensado como ambiente projetado para que o aluno se desloque em seu interior (ver figuras 3 e 4).

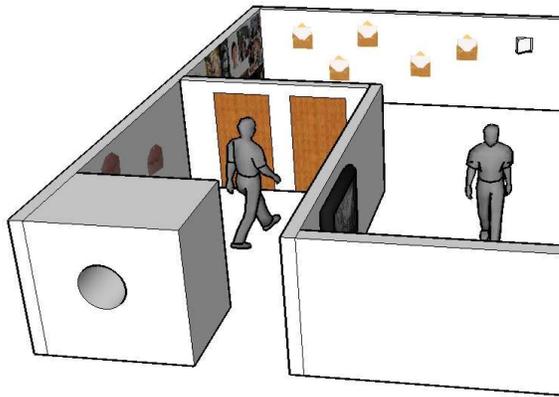


Figura 3. Estudo para instalação1.

Fonte: LIES (DCS-UEM).

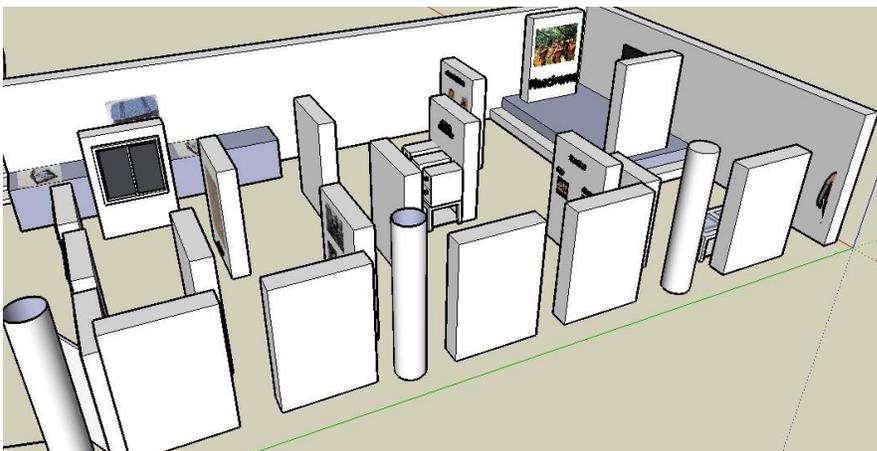


Figura 4. Estudo para instalação 2.

Fonte: LIES (DCS-UEM).

A interatividade se dá na necessidade de adentrar a instalação, de caminhar por ela, de abrir portas, manusear textos dispostos pela instalação, acessar vídeos, sentar, caminhar, manusear os jogos e participar das oficinas. No LIES, o texto sociológico se mistura a outros materiais se desprende do suporte do livro, mas mantém uma íntima referência (e convite) a ele.

Além da fruição dessas expressões, a instalação abrigará atividades como oficinas de sociologia direcionadas para os alunos do ensino básico e para os

professores das escolas em cujo espaço físico será montado o laboratório itinerante.

Portanto, a instalação cria um ambiente complementar e alternativo onde se pode experimentar, produzir e discutir o pensamento sociológico, uma estrutura de difusão do conhecimento científico que não substitui a sala de aula, mas se complementa a ela. Trata-se, portanto, de uma espécie de “convite à sociologia” por meio de uma experiência estética. Assim sendo, a instalação não tem o compromisso de dar conta de um mínimo de conteúdos programáticos, nem de explorar uma variedade de conceitos sociológicos. Como proposta inicial, ela explorará somente esta noção que se considera fundamental para a sistematização dos temas, conceitos e teorias a serem desenvolvidos na escola básica: a imaginação sociológica (MILLS, 1982

O artesanato intelectual

Articulada com a noção de “imaginação sociológica”, a metodologia do projeto se baseia na idéia de “artesanato intelectual” também desenvolvida pelo sociólogo C.Wright Mills (2009).

Assim, nesses meses iniciais do projeto, orientadores e bolsistas trabalham na pesquisa e elaboração do material visual e interativo que constituirá a instalação e na fundamentação teórica dessa prática. Essa primeira fase do projeto está destinada à leitura e pesquisa de material bibliográfico que orienta o trabalho teórico inicial da equipe. Associada a essas leituras, os participantes do projeto realizam uma pesquisa de imagens, vídeos, que orientam a constituição dos painéis. Propõem-se que os próprios pesquisadores produzam o material final utilizado nos painéis (fotos, por exemplo).

Tal pesquisa é realizada numa jornada de 20 horas pelos bolsistas - que se encontram diariamente em uma sala equipada com 6 computadores e material de consulta bibliográfica - e acompanhada por encontros periódicos de leitura e discussão de textos específicos de sociologia, ensino de ciências e artes, que formam a base conceitual da proposta. Assim, para que a produção e o material

utilizado na instalação seja significativo, é fundamental que a pesquisa do repertório e dos recursos seja acompanhada de uma constante reflexão sobre “o que é necessário aprender para se ensinar ciências sociais” (MORAES, 2004).

Por iniciativa dos bolsistas, o repertório buscado, pesquisado e debatido é organizado num *blog* (ver figura 5) uma espécie do acervo de material visual e textual que poderá ser utilizado na instalação ou nas oficinas. Da mesma forma, outros recursos do espaço virtual foram mobilizados pela equipe como experimentação. O *twitter*, por exemplo, é experimentado como “diário de campo” do trabalho realizado pelos bolsistas.

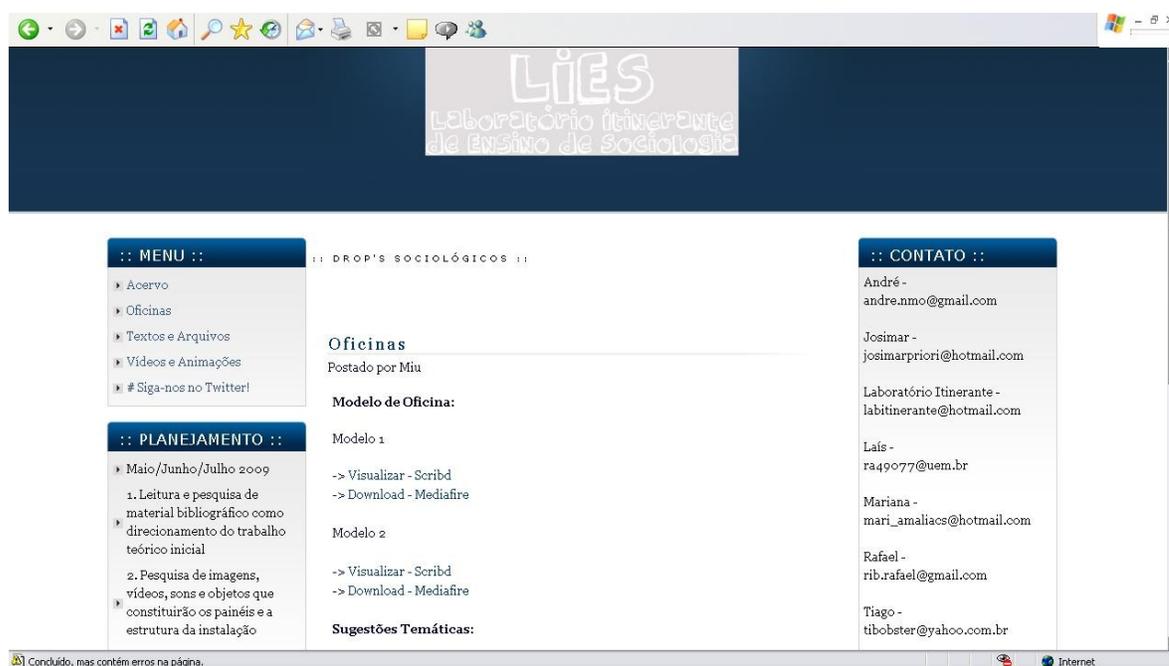


Figura 5. Blog criado pelos bolsistas do projeto LIES. .

Fonte: www.labitinerante.blogspot.com

O projeto está na fase inicial. Os bolsistas têm organizado e selecionado o repertório e as referências norteadoras do projeto. Esse também é o momento de elaboração das oficinas, dos jogos educativos e do material dos cursos de formação continuada que acompanham a trajetória itinerante da instalação. As oficinas e jogos são pensados como meios que estabelecem uma sistematização

do pensamento, complementando a proposta da instalação. Em outras palavras, são eles que estabelecem os quadros de referência sociológica da instalação.

Uma vez concluída a pesquisa do material multimidiático a fase seguinte consistirá na manufatura dos seus componentes por profissionais especializados (marceneiros, artesãos, etc). Nessa fase se dará a escolha dos materiais (lycra tencionada, placas de madeira, etc.) mais apropriados para a montagem dos componentes da instalação.

A terceira fase do projeto consistirá no seu caráter de extensão propriamente dito, ou seja a de montagem e itinerância da instalação pelas escolas da região prioritária escolhida para a realização do projeto: os municípios de Jandaia do Sul, Apucarana e Cambira. Iniciada a fase itinerante da instalação, os bolsistas acompanharão o impacto da instalação nas escolas e conduzirão as atividades junto aos alunos e professores da rede. O LIES permanecerá por cerca de 4 semanas em cada escola, ou conforme a necessidade e solicitação desta. Neste período, ele estará aberto à visitação de outras escolas da região e desenvolverá atividades programadas durante o período de permanência na escola, como a exibição de filmes e a realização de oficinas e workshops..

Após os 21 meses previstos para a realização do projeto, espera-se que a estrutura do LIES seja doada ao Museu Dinâmico Interdisciplinar da UEM onde ficará aberto à visitação pública, principalmente das escolas da rede pública de ensino, garantindo a continuidade de seu uso educativo.

Resultados esperados

Por estar em sua fase inicial, ainda não é possível avaliar os efeitos de tal experiência estética no ensino de sociologia, apenas apontar alguns resultados esperados.

Uma das expectativas é que o projeto interfira diretamente no trabalho cotidiano das escolas que abriguem a instalação. Tal interferência se apresenta como um convite a “pensar por um outro caminho” (TOMAZI & LOPES JR., 2004) o ensino das ciências sociais.

Espera-se também que o projeto qualifique os alunos do curso de ciências sociais para ações de intervenção nas escolas, além de produzir conhecimento sobre o desenvolvimento de materiais de mediação pedagógica. Outro anseio é que essa proposta fortaleça as ações de extensão universitária relacionado-as com as pesquisas docentes e as atividades de ensino, além de promover novas linhas de ação combinando sociologia e experimentações com a linguagem visual, imagética e artística.

Assim, o LIES se coloca como um projeto de interferência e desnaturalização não apenas da escola, mas também das práticas educativas de ensino de sociologia. Logo, a escola não é apenas o espaço de aplicação de um saber elaborado na universidade, mas ela própria se torna espaço fundamental do fazer científico, ou, como diria Wright Mills, do “artesanato intelectual” que caracteriza o ofício do sociólogo.

Referências Bibliográficas

BUENO, M.L. Artes Plásticas no Século XX. Campinas: Unicamp, 1999.

CERTEAU, M. A invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUIMARÃES, C. O que ainda podemos esperar da experiência estética? In: GUIMARÃES, C. Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, pp. 13-26.

GUIMARÃES, E. F. Oficina de Sociologia para alunos do ensino médio. In: PLANCHEREL, A. A. & OLIVEIRA, E.A.F. Leituras sobre Sociologia no Ensino Médio. Maceió: Edufal, 2007, pp. 89-97.

GUMBRECHT, H. U. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, C. Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, pp. 50-63.

LIMA, A.M.S. & FERREIRA, J. & ORTICELLI, M.T. Semanas de Sociologia e de Filosofia com alunos do Ensino Médio da rede pública: da reflexão à prática. Mediações, Londrina, vol. 12, no.1, pp.195-224, jan/jun. 2007.

MAGALHÃES, G.E. Laboratório de ensino de Sociologia da UGMG: a trajetória de uma experiência. In: Plancherel, A. A.& Oliveira, E.A.F. Leituras sobre Sociologia no Ensino Médio. Maceió:Edufal, 2007, pp. 99-109..

MEIRELLES, M & RAIZER, L. & PEREIRA, T.I. Ensino de Sociologia no Rio Grande do Sul: desafios de formação docente e de metodologia de ensino. Comunicação apresentada no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, GT Ensino de Sociologia, Recife, junho de 2007.

MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

_____. Sobre o artesanato intelectual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MORAES, A.C. Licenciatura em Ciências Sociais e Ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, vol. 15, no. 1, pp. 5-20, 2003.

_____, TOMAZI, N.C. GUIMARÃES, E.F. Parecer sobre o Parâmetro Curricular Nacional de Ciências Sociais. MEC: Brasília, 2005, pp. 343-372.

CARVALHO, L.M.G. A trajetória histórica da luta pela introdução da disciplina de Sociologia no Ensino Médio no Brasil. In: Carvalho, L.M.G. (org). Sociologia e Ensino em Debate. Ijuí: Unijuí, 2004, pp. 17-60.

PEREIRA, L.H. Qualificando futuros professores de Sociologia. Mediações, Londrina, vol. 12, no.1, pp.143-157, jan/jun. 2007.

SILVA, I.L.F. A Sociologia no Ensino Médio: perfil dos professores, dos conteúdos, das metodologias no primeiro ano de reimplantação nas escolas de Londrina – PR e região – 1999. In: Carvalho, L.M.G. (org). Sociologia e Ensino em Debate. Ijuí: Unijuí, 2004, pp. 77-94.

SARANDY, F.M.S. Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio. In: Carvalho, L.M.G. (org). Sociologia e Ensino em Debate. Ijuí: Unijuí, 2004, pp. 113-130.

TOMAZI, N.D. & LOPES JR., E. In: Uma angústia e duas reflexões. Carvalho, L.M.G. (org). Sociologia e Ensino em Debate. Ijuí: Unijuí, 2004, pp. 61-76..

TUCHERMAN, I.& CAVALCANTI, C.C.B. Museus: dispositivos de curiosidade. Comunicação apresentada no XVIII Encontro da Compós, GT Comunicação e Cultura, Belo Horizonte, junho de 2009.

WAGENSBERG, J. Museus devem divulgar ciência com emoção. Ciência e Cultura, vol.55, no.2, São Paulo, Abr./Jun. 2003. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000200012&script=sci_arttext

YAMAUTI, N. N. A aplicação do método dialético de produção de conhecimento no ensino de ciências sociais. Revista Acta Scientiarum, vol. 28, no. 1, pp. 111-120, 2006. Disponível em

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/issue/view/16/showTc>

ZUMTHOR, P. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.